

‘Buraco da saúde’ e nova ciência

Há muita confusão entre preço de produtos e serviços e custo de tratamento

A discussão sobre custos da saúde é sempre polêmica. Primeiramente porque o assunto envolve vidas humanas, e esse valor não pode ser mensurado. Ao mesmo tempo, os números da área crescem explosivamente, e cada vez mais se faz necessário estudar a pertinência dos gastos e seus benefícios para a população.

Só para se ter uma idéia, os custos com saúde nos Estados Unidos saltaram de US\$ 27 bilhões em 1960 para US\$ 1,7 trilhão no ano 2000. No Brasil, o orçamento federal destinado à saúde é o segundo maior item de despesas, perdendo apenas para a Previdência. É preciso olhar com cuidado para esses números porque os recursos financeiros são finitos, embora sua aplicação seja louvável.

Apenas para citar alguns progressos, entre 1950 e 2000 a expectativa de vida da população aumentou em 20 anos e as taxas de mortalidade em certos grupos de doenças, tais como cardiovasculares e endócrinas, caíram. Se melhores resultados ainda não foram obtidos é porque, apesar do progresso da ciência médica, ainda há um longo caminho a percorrer antes de alcançar o “estado da arte”.

Vida, qualidade, gastos: estes três fatores vêm aumentando paralelamente ao longo da linha do tempo. E em função do crescimento mais acelerado dos gastos com saúde em relação aos demais indicadores econômicos, tornou-se necessária a criação

de um método para racionalizar o uso de tecnologias, tanto as novas quanto as antigas.

Na busca de reduzir o volume de gastos e a velocidade de seu crescimento, muitas medidas têm sido tomadas, mas nem sempre são eficazes e muitas vezes resvalam em problemas éticos. Há muita confusão entre preços de produtos e serviços para a saúde e custos de tratamento. Embora os medicamen-

Novo método surgiu para auxiliar as decisões no uso de tecnologias em saúde

tos façam parte dos custos, muitas vezes não são a maior parte destes; há doenças que, por exemplo, consomem duas a três vezes mais recursos da sociedade (em dias não trabalhados, aposentadorias precoces e outras perdas indiretas) do que os produtos e serviços que são usados em seu tratamento. Em outros casos, usar produtos mais baratos e menos eficazes pode parecer uma economia, mas quando se observa de maneira mais atenta descobre-se que o custo final pode ser muito maior — em valores financeiros ou em vidas perdidas.

Para auxiliar as decisões no campo do uso de tecnologias em saúde surgiu a farmacoeconomia, ciência ainda pouco conhecida que procura responder três perguntas básicas: quanto custa determinado tratamento, que benefícios esse tratamento proporciona para um paciente ou uma população e esse investimento vale a pena?

Até pouco tempo atrás, essas perguntas eram respondidas separadamente, mas a farmacoe-

conomia conseguiu unir esses elementos em uma metodologia concreta e compreensível para gestores, profissionais de saúde e usuários. Usando técnicas batizadas de análises de custo-benefício, custo-efetividade e custo-utilidade, a farmacoeconomia está sendo cada vez mais empregada para responder qual é o melhor balanceamento entre custos e resultados de tratamento para uma determinada enfermidade.

Ainda permite identificar os melhores investimentos em cuidados com a saúde que proporcionam a diminuição da incidência e da gravidade de doenças crônicas, implicando economias futuras.

A melhor parte dessa nova ciência é que permite identificar alternativas de tratamento que não sacrificam exageradamente o sistema financeiro ou a saúde dos indivíduos. Para tanto, além de parâmetros médicos elementares, a farmacoeconomia considera a ocorrência de reações adversas, o índice de eficácia e o grau de satisfação ou insatisfação proporcionado pelo tratamento aos pacientes.

Cada vez mais os governos, entidades, empresas de saúde e hospitais irão descobrir e utilizar a farmacoeconomia como ferramenta de apoio à decisão. Todo investimento em saúde vale a pena, mas essas instituições terão de empregar esse tipo de análise para decidir como tratar adequadamente um indivíduo, sem perder de vista as necessidades da sociedade.

* Gerente de farmacoeconomia da Pfizer e professor convidado da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP.